

OS TRÂNSITOS COMPARATISTAS E O CONTO LATINO-AMERICANO NA CRÍTICO-POÉTICA DE GILDA NEVES DA SILVA BITTENCOURT

Rita Lenira de Freitas Bittencourt¹

Resumo: Em contexto pós-ditatorial para boa parte dos países latino-americanos, incluído o Brasil, a área e a disciplina de Literatura Comparada se estabeleceram no final da década de 1980 do século XX, o que provocou revisões teórico-críticas em direção a retomadas das relações de vizinhança e da revitalização de trocas epistemológicas em torno dos saberes e fazeres críticos e literários. A partir das pesquisas da pesquisadora Gilda Neves Bittencourt, propondo outros modos de ler e ver o gênero conto, e, sobretudo, resgatando confluências em cena pós-nacional, as categorias de análise vão ensaiar abordagens em direção às alteridades, favorecendo leituras em mão dupla. Este movimento deu a ver os modos como o Brasil entendeu a América Latina, e vice-versa.

Palavras-chave: Comparatismo; Conto; América Latina; Pós-ditaduras; Fronteiras.

COMPARATIVE CROSSINGS AND THE LATIN AMERICAN SHORT STORY IN THE CRITICAL-POETIC WORK OF GILDA NEVES DA SILVA BITTENCOURT

Abstract: In the post-dictatorship context for much of Latin America, including Brazil, the field and discipline of Comparative Literature were established in the late 1980s, which led to theoretical and critical revisions aimed at reconnecting neighborhood relations and revitalizing epistemological exchanges around critical and literary knowledge and practices. Based on the research by Gilda Neves Bittencourt on the short story genre, by proposing other ways to read and see, and above all, by reclaiming confluences in a post-national stage, the categories of analysis will try out approaches toward otherness, favoring two-way readings. This movement showed the ways Brazil understood Latin America, and vice versa.

Keywords: Comparatism; Short Story; Latin America; Post-dictatorship; Borders.

Apresentação

A disciplina e a área de Literatura Comparada se estabeleceram no Brasil a partir do final da década de 1980 do século XX, em contexto pós-ditatorial, também para boa parte dos países latino-americanos. Assim, conjugando referências comuns e seus efeitos disseminantes em revisões

1 Professora Titular de Teoria Literária e Literatura Comparada na UFRGS. rita.lenira@ufrgs.br. Link do CV Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3297254456569108>

teórico-críticas, fomentadas pelas retomadas das relações de vizinhança (Buescu, 2013), de trocas epistemológicas e do estudos de saberes/fazeres da Literatura Comparada, criaram-se as condições de emergência de um discurso crítico que havia sido soterrado por décadas de silêncio. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a profa. Dra. Gilda Neves da Silva Bittencourt², propôs a reaproximação a um gênero literário já estabelecido e popularizado em países como Argentina, Uruguai, Venezuela e Brasil desde a década de 50: o conto.

Buscando modos renovados de ler e ver, e, sobretudo, resgatando confluências em cena pós-nacional, que no espaço brasileiro vai coincidir com a abertura democrática e a Constituinte, as categorias de análise buscam e delineiam abordagens no aberto, em direção à alteridade, favorecendo leituras críticas de mão dupla. Um dos efeitos desse movimento inclui os esforços do Brasil de situar-se na América Latina, reivindicando inserção e compartilhamento de conteúdos, apoiados em contatos, interlocuções e temáticas, mesmo quando se evidenciam em termos de distanciamentos.

Os estudos teórico-críticos da pesquisadora e professora da UFRGS, hoje aposentada, foram pioneiros nessas direções, durante a implementação da Literatura Comparada na Graduação e na pós-graduação brasileiras, ao optar pela atualização e pela inovação, diante de uma cena crítica ainda historicista, nacionalista e formalista, que havia

se consolidado ao longo dos “anos de chumbo”. Assim, juntamente com o ensejo às possibilidades de trânsito e de flexibilização de conteúdos, em tempos de abertura política, ela testemunhou a fundação da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada), em 1986, que continua atuante e disruptiva ao completar seus 40 anos em 2026³, e trabalhou com afincos na investigação da contística gaúcha, brasileira e latino-americana, mapeando o gênero em relação à identidade, mas olhando, sobretudo, para os aspectos teóricos e composicionais.

A pesquisadora e suas leituras que vão até o *boom* da produção contística, nas décadas de 70 a 90 do século XX, entende esta linha investigativa não apenas como representante formal de um gênero literário, também como singularização temática e imagética, que permite aproximar alguns trabalhos de escritores, em especial os gaúchos e seus “vizinhos”⁴ fronteiriços, que escrevem/escreveram em espanhol, na tentativa, já apontada, de aliar as análises práticas da produção ficcional a tentativas teóricas renovadas, em planos comparatistas, acenando à pluralidade.

Vale assinalar que este ensaio decorre de uma pesquisa intitulada “Literatura

2 Gilda Neves da Silva Bittencourt possui graduação em Licenciatura Em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1976), mestrado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1983) e doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (1993). Atualmente é professora Associada Aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, Literatura Comparada e Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: conto, relações interliterárias, conto brasileiro, conto latino-americano e literatura brasileira. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/3978866881683540>

3 Juntamente com os propósitos de comemorar e de fazer um balanço dos 40 anos de atividade da Associação Brasileira de Literatura Comparada, o XX Congresso Internacional da ABRALIC acontecerá em Porto Alegre, na UFRGS, de 09 a 13/11/2026, com o tema “Comparatismos, Permanências e Renovações”.

4 A professora e teórica portuguesa Helena Carvalhão Buescu, em seu livro *Experiência do incomum e boa vizinhança. Literatura Comparada e Literatura Mundo*, assinala, como ponto de partida de suas reflexões, a expressão “boa vizinhança”, do teórico Aby Warburg, que designava os inesperados encontros entre livros distintos de sua biblioteca. Assim, a “experiência do incomum”, segundo a autora, como forma de comunidade, entende o fazer teórico em relação à literatura, nesta conexão paradoxal entre o compartilhamento e os desencontros aleatórios de heterogeneidades significantes, onde interveém uma “autoconfiança disciplinar” como revisionismo crítico como “uma dimensão hermenêutica inscrita no comparatismo” (Buescu, 2013, p.30).

Comparada e Teoria Literária: Percursos e Trânsitos Epistemológicos do Sul”, realizada entre 2022 e 2024, com o apoio do CNPQ, na qual defini um escopo temporal de 12 anos: de 1986, desde a fundação da ABRALIC, em Porto Alegre, até 1998, ano do VI Congresso em Florianópolis, na UFSC, que propunha uma equação-pergunta como tema geral: *Literatura = Estudos Culturais?*. O recorte seguiu os primeiros movimentos de fundação e consolidação da disciplina e da área, até o auge das articulações interdisciplinares, quando já haviam sido publicados quatro números da *Revista Brasileira de Literatura Comparada* – Vol.1, em 1991; Vol.2, em 1994; Vol.3, 1996 e Vol.4, 1998⁵ – em cujas páginas os pesquisadores-fundadores definiram, expuseram e desenvolveram suas propostas de trabalho, discussões prementes frente aos problemas das fronteiras, geográficas e epistemológicas, a partir do posicionamento de áreas e saberes instituídos, em avaliações críticas aos estudos culturais, sobretudo em relação aos impactos que levariam à consequente abertura às perspectivas feministas, pós-marxistas, pós-estruturais e pós-coloniais⁶.

Esses movimentos, percebidos durante o desenvolvimento das pesquisas da profa. Gilda, concentraram esforços teóricos em busca da consolidação da área, quando foram definidos os vetores principais dos estudos que embasariam a

5 Encontra-se em processo de qualificação, a Tese de Júlio César Larroyd, intitulada *Infiltrações filosóficas na Literatura Comparada Brasileira*, a respeito das interfaces teóricas da filosofia no comparatismo, na *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. O escopo de pesquisa compreende as edições da *Revista Brasileira de Literatura Comparada* do mesmo período, porém com direção diferente, que avança nas relações transdisciplinares.

6 As análises da condição “pós-colonial” vêm do pensamento moderno e se desenvolveram mais intensamente na segunda metade do século XX. A teoria subsequente, incluindo novas gerações de teóricos, interessadas em inserir as abordagens no tempo histórico e equacionando diferenças de pontos de vista, passaram a nomear a área de “estudos decoloniais”, e, mais recentemente, “descoloniais”. Na prática, a depender de correntes teóricas e dos modos de ler, essas nomenclaturas todas ainda são utilizadas.

Literatura Comparada na UFRGS. Alguns, que pervivem no presente, ainda incorporam parte das perspectivas discutidas e fundamentadas neste período.

Teoria do Conto: Projetos e Livros

A última Pesquisa de Gilda Neves Bittencourt, de 2005, retorna a um tópico que ela já havia sistematicamente discutido, o que indica uma problemática recorrente, sobretudo na fronteira Sul: *Conto e Identidade Literária na América Latina*. A proposta é justificada da seguinte forma:

O projeto aqui apresentado torna-se relevante na área de Letras por se tratar de uma pesquisa de cunho comparatista, ligada a um vetor teórico-crítico muito atual e em franca expansão: as relações interliterárias latino-americanas, linha de investigação que tem recebido uma atenção especial por parte de estudiosos da Literatura Comparada, no Brasil e em diversos países hispano-americanos. (Bittencourt, G., In: <http://lattes.cnpq.br/3978866881683540>.)

Ao propor rediscutir as “relações interliterárias”, a teórica estabeleceu uma continuidade com o projeto anterior, desenvolvido entre 1998 e 2004, intitulado *Para uma teoria do conto brasileiro contemporâneo*, que analisou um corpus de contos escritos e publicados nos anos 70 a 90 do século XX, com a finalidade de identificar aspectos da crítica sobre o conto no Brasil e verificar as concepções de gênero literário subjacentes à prática desses mesmos autores, considerando as especificidades dos contistas latino-americanos, que, muitas vezes, também exercitam, em simultâneo com a escrita, a análise e a crítica literárias, em termos de metacrítica. Assim, postulando uma identidade continental, esta última pesquisa, desenvolvida a partir de 2025, retorna ao cruzamento entre literatura e identidade em relação ao gênero conto:

Esta vertente de estudos relativamente recente, já que ganhou impulso a partir dos anos 70 de século XX, criou vertentes de investigação em relação às literaturas latino-americanas, cuja constituição híbrida e heterogênea desafiava os parâmetros e conceitos operacionais correntes até então, oriundos dos países hegemônicos. Historicamente, nos estudos das literaturas nacionais da América Latina, o ato de comparar tornou-se uma prática comum já que o confronto com as matrizes europeias era inevitável e mesmo "reconfortante", segundo Antonio Candido, por dar maior "segurança" aos juízos críticos. No entanto, ao guiar-se por referenciais importados, os resultados das investigações mostravam-se insatisfatórios diante da constatação de "aclimações", "respostas criativas" ou processos de "transculturação", expressões, respectivamente, de Antonio Candido, Ana Pizarro e Angel Rama, três nomes importantes no desenvolvimento e na fixação de um conceito de América Latina. (BITTENCOURT, G., In: <http://lattes.cnpq.br/3978866881683540>.)

Os autores citados e seus conceitos participam, portanto, de um panorama que incorpora a crítica nomeada, na época, "pós-colonial", para dar conta do uso de elementos políticos identitários em cena de resistência, construindo uma visada de dentro para fora que acabará levando aos questionamentos tanto da estabilidade das próprias identidades quanto aos das fronteiras nacionais, em tempos de pós⁷, conjugando o que se passou a chamar de transfronteiriço, "pós nacional" e, mais adiante, por superação de certas condições específicas, de pensamento e figuração, "decolonial".

Parte do acervo da pesquisadora está depositado no Gabinete de Teoria Literária e Literatura Comparada, na sala 211 do Instituto de Letras da UFRGS. Assim, tive acesso a várias publicações, anotações e programas de cursos, também aos artigos reunidos e publicados, por exemplo, em *Retratos do conto: uma reflexão crítica*, de 2019, que, montado em subtítulos, dá a ver um longo percurso que iniciou com estudos

de contistas gaúchos, reunidos em *O conto Sul-riograndense. Tradição e Modernidade*, o primeiro livro, fruto de um doutorado em 1993, na USP, com Flávio Aguiar, e publicado em 1999. Dessa aproximação do conto riograndense vale destacar as abordagens a respeito de Simões Lopes Neto, Erico Verissimo, Telmo Vergara, Cyro Martins, Dyonélio Machado, Sérgio Faraco, Caio Fernando Abreu, Tânia Faillace e João Gilberto Noll, entre outros.

Do cenário regional, o interesse se estendeu ao âmbito latino-americano, em cuja aproximação, para a pesquisadora, alguns contrastes se destacaram, sobretudo nas produções mais recentes, dos anos finais do século XX:

O exercício da crítica, diante dessas literaturas marcadas pelo hibridismo e pelo multiculturalismo, exigiu uma postura teórica alternativa, concretizada no pensamento de intelectuais como os já citados acima [Candido, Pizarro e Rama – já comentados e, na sequência Silviano Santiago, Haroldo de Campos e Borges] -, e forjou um modus operandi diferenciado, caracterizando o que se está chamando de "discurso crítico descolonizado". Com isso, as investigações literárias latino-americanas criaram paradigmas e adquiriram uma feição própria, diversa tanto do modelo norte-americano quanto do europeu, não porque tenham rompido inteiramente com eles, mas pela sua reutilização sob novas bases e com preocupações distintas. (Bittencourt, G. 1999, p.89).

Temos, neste enclave, um direcionamento de foco aos modos de narrar, quando são identificadas várias vertentes temáticas: a social, de Josué Guimarães a Moacyr Scliar; a existencial-intimista, que inclui Caio Fernando Abreu, Sérgio Faraco e Tânia Faillace; e a memorialista regionalista, da qual, de certo modo, todos fazem parte. Sem contar a virada para o fantástico, de Scliar e Josué Guimarães. São modos de ler que tentam rastrear tendências, mas que acabam por aderir e rechaçar a tradição colonial na mesma medida. Quando, no final dos anos 90, a profa. Gilda Bittencourt cria uma disciplina eletiva na graduação – LET03365 - Teoria do Conto -, em cujo programa, na versão que recebi e

7 Os "tempos de pós" é expressão inventada, antes e logo após a virada do século XXI, para dar conta dos desafios do que se denominou "pós-modernidade" e que enfileirou vários conceitos de transição, como uma performance de abandono de certas condições da modernidade. Pertence ao mesmo escopo que vai decretar as variadas formas de fim, em relação às mentalidades: fim dos grandes relatos, fim da história, fim da teoria, fim do livro e da literatura, e, mais recentemente, fim do mundo.

ministrei, em 2011, consta, numa primeira parte, digamos, “clássica”, o conto de fadas, em verso e prosa, e o conto maravilhoso, de várias origens; depois, o conto moderno, com Tchecov, Maupassant e Cortázar; também as teses sobre o conto, em Borges e Hemingway, Poe e Horácio Quiroga, além das divisões tipológicas, como o conto fantástico, em Lovecraft e Bioy Casares, o policial de Chesterton, Borges e Poe, o intimista em Woolf, Joyce e Lispector, e o de realismo mágico, onde entram Garcia Marques e Murilo Rubião, encerrando com Monterroso e a proliferação do miniconto, o que se dá a ver mais nitidamente é uma linha historiográfica gigantesca, da tradição ao contemporâneo, com muitas e variadas possibilidades de entrada.

É interessante observar o aspecto de aplicabilidade explorado por Gilda Neves Bittencourt que entende as reflexões teóricas diretamente “traduzidas” na atuação em sala de aula e por escolha do professor. Por exemplo, no artigo “O conto latino-americano: confronto de imaginários”, publicado em 1998, no livro *Limiares Críticos*, a investigação propõe abordar a noção do imaginário latino-americano, que se divide em dois planos diferentes de abordagem do literário: um de contato e outro de ruptura com as visões tradicionais do conto norte-americano e europeu. Assim, além de apontar autores, a teórica vai trabalhar em planos trans geográficos e supranacionais. Por isso, consegue aproximar dois textos que, para ela, exploram relações próximas: o conto “À Deriva”, do escritor uruguaio Horácio Quiroga, e “Guapear com frangos” do escritor gaúcho Sérgio Faraco. Ambos ainda marcados por alguns traços regionalistas:

São contos em que o telurismo domina, sobrepujando as forças humanas; os elementos da natureza, representados, nos dois casos, pelo conjunto - mata cerrada, rio e animais – sobressaem como elementos dominantes, enquanto o homem se vê solitário, impotente e subjugado no confronto inútil ante o vigor que emana desse mundo natural. (Bittencourt, G. 1998, p.175-176)

Num segundo momento, pós regionalista e pós-identitarista, a pesquisadora aponta essas mudanças e aproxima o conto “Anotações sobre Macedônio Fernandes num diário”, do escritor e historiador argentino Ricardo Piglia, de “Ela”, publicado pelo gaúcho João Gilberto Noll, de seu primeiro livro, *O cego e a dançarina* (1980). Na configuração dessas obras rastreia, de modo ampliado, “os processos de ruptura instaurados na construção do conto contemporâneo, em que a própria noção de gênero é colocada em xeque” (Bittencourt, G., 1999, p.178). Ou seja, o que ela identifica nessas tessituras poéticas são as marcas da virada contemporânea, que se caracteriza por uma “consciência narrativa”, que “cada vez mais se afirma como uma escritura sobre outra escritura” em “constante processo crítico de releitura” (Bittencourt, G. 1996, p.67). Essa leitura do literário, portanto, está muito implicada no cenário crítico-político e nas práticas de ensino da época.

Outro exemplo é o artigo “Interfaces do discurso crítico sobre o conto”, publicado em *Culturas, Contextos e Discursos. Limiares Críticos no Comparatismo*, pela EdUFRGS, em 1999, livro coordenado por Tania Franco Carvalhal, onde Gilda Neves Bittencourt parte da historiografia para comprovar que alguns elementos metacríticos já se anunciavam, *avant la lettre*, no conto tradicional: “...o conto literário, desde o seu nascedouro, aparece como uma forma de representação literária madura, ao aliar criação e reflexão crítica.” (Bittencourt, G., 1999, p.84). Em seguida, ao reler a antologia intitulada *O Conto Brasileiro*, de Alfredo Bosi, de 1974, na qual o crítico e professor paulista lê as concepções de Edgar Allan Poe e sua teoria sobre extensão e efeito nas narrativas curtas e se opõe a uma leitura tradicional, que interpreta o “efeito único” definido por Poe como um dado de simplicidade ou de redução da narrativa, vinculada à manipulação de poucos elementos, ela opera um desvio em sua leitura, incluindo a subjetividade dos leitores. Assim,

Para o crítico brasileiro, a atividade do contista se dá pelo “achamento” de uma situação que atraia os componentes da estrutura narrativa: ponto de vista, espaço, tempo, personagens e trama. Nesse momento de invenção criativa, em que se manifesta uma escolha particular do artista, intervém, igualmente, o fluxo da experiência individual, que atuará como “substância narrável” capaz de criar “situações significativas”. (Bittencourt, G., 1999, p.87).

Esta é uma questão complexa, detectada, por exemplo, quando Gilda Neves Bittencourt identifica a coincidência da predileção pela obra e da teoria de Edgar Allan Poe, tanto por Bosi quanto por Cortázar, mas, em simultâneo, percebe distinções significativas:

Sobretudo nessa procura de momentos singulares “cheios de significação”, apontados por Bosi como essenciais para a existência de um verdadeiro conto. Porém, diferindo do autor argentino, essa significação se constroi com base na experiência de vida do autor e no seu trabalho de elaboração estética no texto ficcional, não contemplando, portanto, a instância receptora sugerida implicitamente também na teoria de Poe, pelo efeito impressionante a ser produzido no leitor. Ao declarar que “O contista é um pescador de momentos singulares cheios de significação”, Bosi (1974, p.9) atribui toda a carga de produção de sentido, e consequentemente, da criação do efeito impressionante no conto, à figura do autor, sem considerar, nesse processo de significação, a presença ativa do polo receptivo. (Bittencourt, G. 1999, p.88).

Novamente, na amostragem de seu discurso teórico-crítico, em torno de vieses diferenciados do conto literário moderno, Gilda atribui consistência e representatividade à literatura do presente, daquele presente da escrita em que os estudos de recepção se firmavam nas abordagens aos textos literários, fechando o tripé estruturalista autor-obra-leitor, que vai colapsar na sequência, a partir da desconstrução. Além disso, a professora da UFRGS monta seus textos como um discurso crítico amparado nas problemáticas internas do próprio gênero, dando visibilidade aos contistas que também são críticos.

Teoria em Revistas

As problemáticas que envolvem tanto o conto brasileiro quanto o latino-americano incidem com frequência sobre os mesmos lugares de origem, onde se condensariam teoria e prática, segundo Gilda: o trabalho de Edgar Allan Poe. No artigo intitulado “Conto e Identidade Literária na América Latina”, publicado em edição especial da *Revista Organon*, Vol. 17, ao abordar os deslocamentos identitários transnacionais, ela traz uma abordagem que busca um “para fora” das marcas restritas e coaguladas do que se entende por nação, pois aqui a pesquisa continua estendendo seus alcances ao continente latino-americano:

A busca da identidade Nacional tem sido uma aspiração constante nas literaturas latino-americanas praticamente desde o Romantismo, onde a ênfase na cor local, no exotismo da paisagem e dos tipos humanos era a forma de atribuir caráter nacional às produções literárias. Hoje em dia, embora com distintas motivações, a questão identitária permanece viva, agora iluminada e ampliada pelas perspectivas pós-coloniais, que, ao invés de aspirarem à unidade nacional, preocupam-se em comprovar a heterogeneidade da formação cultural dos povos latino-americanos e o consequente hibridismo das produções artístico-literárias. (Bittencourt, G., 2003, p.23)

Apoiada na antologia elaborada por Ítalo Moriconi, *Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século XX*, publicada em 2000, a teórica vai destacar as estratégias de montagem da obra, focada no organizador, a partir de critérios pessoais, que embora se apoie no adjetivo “brasileiros” do título, compartilha opções teóricas em direção aos trânsitos:

Como toda a antologia, a escolha dos cem melhores contos do século envolve boa dose de subjetividade e de afinidades eletivas da parte de seu organizador. Por se tratar de um professor de Teoria Literária, o seu conhecimento especializado certamente também contribuiu para o estabelecimento de algumas premissas que orientaram a seleção, entre elas, conforme cita na introdução, a predominância de um olhar contemporâneo que já não considera uma concepção rígida de conto, mas admite sua heterogeneidade e inter-relação com outros gêneros como a crônica e o poema em prosa. (Bittencourt, G.,

No entanto, a montagem da coletânea, a distribuição de autores em uma sequência cronológica, cada uma com seus títulos, reforça a preocupação de Moriconi em traçar um panorama que começa em meados do século XIX e vai até os anos 80 do século XX, marcando o tempo “contemporâneo” e, segundo Gilda, oscilando entre uma preocupação historiográfica “flexível”, em que “Cada sessão tem uma introdução que apresenta brevemente as principais características do período, objetivando, igualmente, situar o leitor, mas que dificilmente dá conta da totalidade dos aspectos conceptuais dos contos ali reunidos.” (Bittencourt, G. 2003, p.24).

A pesquisadora elabora uma passagem curiosa entre a antologia brasileira, tomada como modelo, e a perspectiva latino-americana, que se dá por similaridades e atravessamentos:

O volume e a diversidade da produção contística no Brasil nas três últimas décadas [anos 70, 80 e 90], bem como as tendências temáticas e estilísticas nas narrativas registradas ao longo do século permitem identificar traços marcantes do sistema literário brasileiro e do tipo de literatura que ali se pratica. Basicamente se pode dizer que ele se caracteriza pelo hibridismo de sua formação e de suas formas, em face da coexistência de diferentes culturas que colaboram para constituir a nação brasileira, e da diversidade e riqueza, nos falares regionais e nos registros de linguagem, que correspondem naturalmente à vastidão geográfica do país. (Bittencourt, G., 2003, p.27. anotação minha entre colchetes).

Na sequência, comparando aspectos do gênero literário, consegue ultrapassar as barreiras do nacional, mas também acaba levando em conta as nacionalidades singulares no interior do que se denomina “América Latina”, ou seja, se entende com aspectos de hibridez e maleabilidade das formas, mas ainda preserva alguns dos traçados de fronteiras, o que me leva a localizar a crítica num entrelugar discursivo

As coincidências existentes entre várias literaturas latino-americanas quanto à produção e ao próprio gosto pela narrativa curta, e que resultaram numa explosão quase concomitante do gênero ocorrida em torno dos anos 60, levam-nos a chegar à mesma dedução feita em relação à situação do conto no Brasil, ou seja, trata-se de um gênero literário que pode ter, de fato, um papel muito significativo tanto na formação literária como na configuração de uma identidade nacional nas literaturas da América Latina. (Bittencourt, G., 2003, p.27).

Em olhar retrospectivo, em direção a duas publicações anteriores, a primeira, de 1996, e a segunda, de 2004, percebe-se a mesma oscilação recorrente. Dez anos depois da fundação da ABRALIC, Gilda Neves Bittencourt organiza um volume para a coleção *Ensaio*, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, como uma mostra da produção local do grupo de Literatura Comparada. No *Sumário*, inclui majoritariamente trabalhos de colegas, quando o PPGLet, criado em 1991, encontra-se em processo de consolidação, contando, inclusive, com um artigo de Tania Carvalhal: “A tradição discursiva na América Latina e a prática comparatista”, que destaca um texto precursor, de Tasso da Silveira, *O destino da América Latina*, de 1922, ao desenvolver a preocupação com a latinidade como um traço distintivo dos valores literários europeus.

O artigo de Gilda Neves Bittencourt vai na mesma direção, tentando elaborar modos distintos de equacionar as relações entre as literaturas brasileira, latino-americana e europeia. Intitulado “Relações literárias: Brasil/ América Latina/ Europa”, apresenta conceitos como dependência cultural, fontes, influências e ruptura, aproximando o pensamento crítico de Antonio Candido, Haroldo de Campos, Silviano Santiago e Roberto Schwarz. A conclusão é montada numa oposição entre forças, prevendo, por um lado, “a continuidade da tradição ocidental nas literaturas latino-americanas que

admite a validade de um conceito renovado de *influência* como *resposta criativa*", e, de outro, a rejeição dessa "continuidade, propondo a destruição das noções de originalidade e anterioridade, bem como a ruptura com o modelo europeu por meio de uma *apropriação agressiva e deformadora*. (Bittencourt, G. Apresentação.1996, p.9). Obviamente, os ensaios publicados no volume reforçam esta segunda interpretação.

Para montar um panorama da variedade de abordagens, vale a pena citar, além dos já mencionados, os demais títulos e seus autores: "A noção de hipertexto e sua contribuição para os estudos literários", de Ana Maria Lisboa de Mello; "A alegria da descoberta, a angústia do desconhecido, a indiferença", de Flávio Mainieri; "Baudelaire Alquimista: harmonia do poente", de Francis Utéza; "Tendências comparatistas na leitura da obra machadiana", de Helena Tornquist; "Poética comparada e teoria dos gêneros", de Lúcia Sá Rebello; "A paisagem do desejo e a poética do Outro no Simbolismo sul-rio-grandense (uma leitura dos intertextos franceses)", de Maria Luiza Berwanger da Silva; "Paul Ricoeur e a teoria literária", de Mario J. Valdés; "Uma releitura de *Villa Rica*", de Neusa da Silva Matte; "Confluência e alteridade: a questão do duplo como tema nos contos de Poe e Machado", de Patrícia Lessa Flores da Cunha; e "Carpeaux: crítico e comparativista", de Ubiratan Paiva de Oliveira.

A sequência citada, pela variedade dos interesses investigativos e de pontos de vista, é corroborada, por um lado, pela crítico-poética elaborada por Gilda Neves Bittencourt, que ensaia a ultrapassagem das categorias identitárias e desafia as geografias oficiais, as marcas fixas e os tratados de limites. Por outro lado, em recuos estratégicos, a pesquisadora parece não querer perder totalmente de vista a estabilidade conceitual da teoria anterior, enunciando contrastes e avançando cautelosamente dentro

das possibilidades que se apresentavam nessa fase teórica tão polarizada e em transformação.

Na metade da primeira década do século XXI, ela vai publicar "A duração do regionalismo no conto sul-riograndense", na Revista Signo, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), em 2001, fechando, de certo modo, uma crítica aos pressupostos, tão marcantes nos dois séculos anteriores no regionalismo literário do sul. Já o artigo "comparatismo e Estudos Intertextuais", será publicado na Revista Caderno de Letras da Universidade Federal e Pelotas (UFPEL), assinalando que a noção de intertextualidade, como estratégia basilar da Literatura Comparada, mesmo tendo se ampliado a outras formas e linguagens, continua produzindo efeitos a serem levados em conta pelas pesquisas da área. Também, em 2004, um pequeno desvio a traz de volta a temática do conto regional, porém em modo revisionista, trazendo as mulheres para a cena textual: Gilda menciona Lila Ripoll, da década de 40, e investiga dois contos de Tânia Faillace, da década de 70 e Jane Tutikian, da geração de 80, da qual comenta dois livros e alguns contos de cada um, e, por fim, Patrícia Bins, que na mesma época, pratica uma escritura de curta extensão, entre crônica e o conto - que a própria autora denomina de "cronicontos" -, entre o lírico e o coloquial. O artigo "A escritura feminina no conto sul-riograndense" é publicado na Revista Organon, da UFRGS, partindo de dois pressupostos:

1º. De que existe uma literatura escrita por mulheres, sobre mulheres, com uma temática voltada às questões do feminino com uma dicção e um tom peculiares; 2º. De que, no conjunto da produção literária em prosa, a narrativa curta (conto/crônica) apresenta-se com características próprias, como manifestação de um gênero que obteve grande representatividade após a segunda metade do século XX em vários países latino-americanos, inclusive o Brasil. (Bittencourt, G., 2004, p.99).

E encerra concluindo que as autoras

demonstram o mesmo pendor ao desvendamento interior, preocupando-se com questões que usualmente não entram no campo de visão do olhar masculino, voltado às vezes mais ao porquê dos acontecimentos, do que ao como estes mesmos acontecimentos são recebidos e analisados no interior dos seres humanos. A percepção feminina, talvez mais atenta aos detalhes, mais sensível às transformações ou às agressividades do mundo, expressa-se com maior plenitude, fazendo com que a escritura feminina seja imediatamente reconhecida em sua diferença. (Bittencourt, G., 2004, p.107).

Já em 2005, no X Encontro Regional da ABRALIC, no Rio de Janeiro, Gilda Neves Bittencourt opera outro desvio de foco, apresentando um artigo intitulado “A Literatura Comparada diante dos avanços tecnológicos”. Talvez prevendo a invasão dos conteúdos digitais e da transformação inevitável do ambiente acadêmico futuro, o que se torna, para ela, um problema teórico:

Atualmente, diante do processo de globalização e dos avanços dos meios digitais e informatizados, bem como da ascensão dos chamados Estudos Culturais, a Literatura Comparada se encontra diante de um novo impasse, que afeta inclusive o seu *status* disciplinar, que é posto em xeque com a diluição de suas fronteiras, já que é o próprio conceito de literatura que se dilata, abrigando novos objetos e manifestações, fazendo que o literário, antes considerado critério de valor, perca muito de sua força e representatividade. (Bittencourt, G., 2005, p.46-47).

Diante desse quadro, com o auxílio do teórico norte americano J. Hillis Miller (2000), a teórica ensaia uma resposta, simultaneamente positiva e negativa, ao impasse que insere a literatura no âmbito dos estudos culturais, “vendo, porém a necessidade de analisá-la criticamente, como um objeto de estudo separado. E “olhar” criticamente para a literatura pode significar para ele [Miller] desconstruí-la, vendo o modo como tem reforçado e criado uma ideologia sexista, racista, nacionalista ou classista. (Bittencourt, G., 2005, p.47, minha anotação entre colchetes). Ao mesmo tempo, com as ideias de cibercultura e hipertexto, a pesquisadora entende os formatos de redes

ou teias das novas tecnologias como formas alternativas de discursividades e textualidades que podem trazer possibilidades desafiadoras ao fazer comparatista, citando a proliferação das revistas eletrônicas, das narrativas ficcionais interativas, da poesia hipertextual e holopoesia, do teatro virtual etc.

É importante mencionar, nessa direção, um aspecto prático da epistemologia comparatista relacionado ao plano pedagógico, já que a professora Gilda foi responsável pelo Projeto “O Sistema de Hipertextos no Ensino da Literatura”, de 1999 a 2003, para a criação de uma *home page* com conteúdo dos dois semestres iniciais da graduação em Letras, relacionados às disciplinas Panorama Cultural da Literatura Brasileira I, Leituras Orientadas I e Estudos Literários I: drama e narrativa. Com auxílio financeiro da Capes, o PROIN⁸ tornou-se um arquivo digital hospedado no domínio da UFRGS e durante alguns anos, funcionou como um sistema de hipertextos, formado por obras literárias ou textos teórico-críticos, apresentados parcial ou integralmente, acrescidos de imagens e sons, e através dos quais o usuário poderia navegar no universo da literatura e áreas afins. Incluía, também fontes de referências bibliográficas e biográficas de autores e obras, na tentativa de fornecer caminhos para ampliar o campo de consulta dos alunos.

Obviamente, como todos os conjuntos de informações em meio digital, a *home page* teria que ser alimentada constantemente, demandando um sistema ininterrupto de trabalho de bolsistas e de investimentos, tanto

8 Equipe envolvida no PROJETO PROIN - O SISTEMA DE HIPERTEXTOS NO ENSINO DA LITERATURA (CAPES-PROPEQS): Eduardo de F. Machado, Alter Breitenbach, Silvia Corti, Michele Machado, Gilda S. Bittencourt (Departamento de Linguística e Filologia – Instituto de Letras - UFRGS). O resumo completo da comunicação apresentada no Salão de Iniciação Científica (SIC UFRGS) no ano 2000, pelos alunos envolvidos no Projeto e está disponível em: <https://repositorioceme.ufrgs.br/handle/10183/83390>

financeiros quanto tecnológicos. Por isso, o Projeto funcionou mais como um plano piloto de algo executável, mas não foi levado adiante.

Conclusão

Vale destacar novamente que os trânsitos epistemológicos, via crítico-poética, explorados brevemente neste ensaio, figuram no período em que as bases político-culturais neoliberais foram mais intensivamente questionadas, em época de abertura política, depois de uma longa temporada de repressão⁹: A ditadura, cívico-militar no Brasil, foi de 1964 a 1985 e além, se levarmos em conta os golpes, contragolpes e subgolpes subsequentes, com consequências que continuamos sofrendo até hoje. Já em relação aos países latino-americanos mais próximos, a ditadura no Uruguai durou doze anos, indo de 1973 (após um golpe de Estado) até 1985, e ainda é figurada, assim como no cenário brasileiro, em estudos atuais sobre memória e pós-memória¹⁰. Também não podemos

desconsiderar outros países latino-americanos como o Chile, cuja ditadura vai de 1973 a 1990; e a Argentina, em que o regime de exceção foi de 1976 a 1983. Todos se caracterizaram por serem absurdamente cruéis em suas práticas de perseguição às liberdades políticas e individuais, com usos recorrentes dos mecanismos de tortura, assassinatos e exílio. Documentos posteriores vão dar conta dessa situação, como, por exemplo, os escritos de Nelly Richard, nos quais há uma sombra da ditadura chilena, e o tratado de Analía Gerbaudo sobre as aulas dos professores na Argentina nos dois anos seguintes à ditadura¹¹.

No Brasil, talvez a ênfase crítica tenha recaído na tentativa de superar o horror ditatorial a partir dos investimentos específicos nas universidades e na criação de diálogos transnacionais, como os que se deram, por exemplo, no âmbito da Literatura Comparada. Por isso, neste exercício de rastrear as marcas de um percurso acadêmico, aqui brevemente apontadas em relação ao longo trabalho de Gilda Neves Bittencourt, na UFRGS, que desmontou e remontou o gênero conto, na passagem do século XX ao XXI, podemos nos aproximar das noções de *horizonte* e de *fronteira*, que surgem no âmbito das políticas de ensino no liberalismo tardio. São noções remanescentes de conceitos como territorialidade e posse, que sofrem um esgotamento quando tomadas apenas geograficamente, ou como projeção do humanismo moderno, pois “o horizonte

9 Os regimes ditatoriais latino-americanos, no conjunto, têm sido objeto de muita controvérsia devido às violações dos direitos humanos, o uso da tortura e os desaparecimentos inexplicáveis de muitos cidadãos. O termo “cívico-militar”, usado com frequência para se referir ao regime uruguaio, refere-se ao uso inicial do regime militar de um presidente civil relativamente impotente como chefe de Estado e o aparelhamento da imprensa, o que se distingue das ditaduras em outros países da América do Sul em que altos oficiais militares imediatamente tomaram o poder e diretamente atuaram como chefe de Estado, como é o caso do Brasil, embora aqui também tenha contado com o apoio da sociedade civil, representada, por exemplo pela grande imprensa e redes de televisão. Em dezembro de 1986, durante a presidência de Julio María Sanguinetti, editou-se uma lei que punia os delitos de violação aos direitos humanos e terrorismo, feitos durante a ditadura, que posteriormente passou por um plebiscito onde foi afirmada a sua legitimidade com 58% dos votos.

10 Vide, como exemplos, a autobiografia de Cristina Peri Rossi, *La Insumisa*, de 2020, recentemente traduzida ao português: Rossi, Cristina Peri. *A Insubmissa*. Trad. Anita Rivera Guerra. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2025, ou o romance de formação, de Carola Saaveda, intitulado *Com armas sonolentas*, publicado pela Companhia

das Letras em 2018, além do anterior, um diário repleto de suspensões que marcam perdas, diáspora e violência. Também *O inventário das coisas ausentes*, lançado pela Cia. das Letras, 2014.

11 Trata-se de duas teóricas que vão produzir em direções distintas: Nelly Richard, em *Intervenções Críticas. Arte, cultura, gênero e política*, em 2002, que foi traduzido por Romulo Monte Alto ao português. Ela também publicou *La Insubordinación de los Signos* (1994) e *Residuos y Metáforas* (1998). Já a pesquisadora argentina Analía Gerbaudo publicou, em 2026, *Política de Exhumación: las clases de los críticos en la universidad argentina de la posdictadura 1984-1986*.

e a fronteira continuam a ser necessários para o liberalismo e sua aliança com o capitalismo, na medida em que dependem de uma lógica possessiva que é capaz de conceber as relações apenas como de possuir e ser possuído” (Povinelli, 2024, p.87).

O que há de mais relevante na esfera comparatista é justamente o esforço de deslocar, de construir passagens, e, por isso, ao evocar operações distintas e movimentos tanto de aproximação quanto de contrastes, torna-se um modo de ler a teoria, aspectos nos quais alguns pesquisadores têm investido: o “Estar Entre” dos trânsitos, construído por Paloma Vidal em 2019, focando em algum ponto para além dos mapas e das desdobras espaciotemporais e linguageiras, quando o imaginário ou a imagem de outro lugar, heterotópico e inclusivo acena, não para um ajuste ao mito ou às territorialidades preestabelecidas, mas para a ênfase na inadequação, na invenção, no hibridismo, é um desses modos. Configura-se em linhas em fluxos sinalizadores do que podemos, talvez, considerar uma dobra significativa da teoria do/no presente. Também a noção de inespecificidade dos objetos artísticos, estudada por Florência Garramuño, em 2014, que subverte as espacialidades da plástica e promove a hibridação com outras linguagens, como a verbal: “No interior da linguagem literária, vários tipos de especificidade – nacional, pessoal, genérica, literária – são dissolvidos num número cada vez importante de textos que exibem uma intensa porosidade de fronteiras.” (Garramuño, 2014, p.10). Ambas apontam para a flexibilização, que se tornou generalizada nesses primeiros anos do século XXI.

Gilda Neves da Silva Bittencourt não chegou efetivamente a aprofundar alguns desses traços, mas em seu livro *Retratos do Conto*, de 2019, voltou a teorizar o conto brasileiro, sobretudo das décadas finais do século passado, citando a obra de Nelson de Oliveira, *Geração*

90: manuscritos de computador e abrindo uma discussão a respeito da extensão, da prática do miniconto, do uso de imagens e da ênfase ao cotidiano dos novíssimos: Amílcar Bettega Barbosa, Fernando Bonassi ou Pedro Salgueiro, além do já consagrado João Gilberto Noll. Com isso, se aproxima dos limiares espaciais (estar entre) e das mesclas formais (inespecificidades), quando, ao encerrar o volume, opta pela indefinição, como deslocamento da cena moderna à pós-moderna:

Portanto, se quisermos chegar a uma definição do que seja, hoje em dia, um conto literário, tal como fez Edgar Allan Poe no século XIX, teríamos dificuldades insuperáveis que se devem à própria natureza que a narrativa curta assumiu na modernidade mais recente, em que a estabilidade e a coerência internas foram substituídas pela mobilidade, pela instabilidade e pela transitoriedade, típicas dos tempos pós-modernos que vive a literatura na atualidade. (Bittencourt, G., 2019, p.215).

Como boa comparatista, além de jogar as certezas a respeito do gênero literário ao aberto, Gilda experimentou uma aproximação com a cibercultura e chegou a abordar as escritas de mulheres nos contos escritos no Rio Grande do Sul, incluindo as intervenções criativas delas na produção das décadas de 70 e 80. Considerada no conjunto, sua obra promoveu desarticulações relevantes no discurso crítico, articulando-o em outras bases, mais transversais, equânimes e interdisciplinares.

Referências

Bittencourt, Gilda Neves da Silva. *Retratos do conto: uma reflexão crítica*. Curitiba: Appris, 2019.

Bittencourt, Gilda Neves da Silva. *O Conto sul-rio-grandense: tradição e modernidade*. Porto Alegre - RS: Editora da UFRGS, 1999.

Bittencourt, Gilda Neves da Silva e Marques,

- Reynaldo. (Orgs.). *Limiares Críticos*. Belo Horizonte - MG: Autêntica, 1998.
- Bittencourt, Gilda Neves da Silva. *Literatura Comparada: teoria e prática*. Porto Alegre - RS: Sagra Luzzatto, 1996.
- Bittencourt, Gilda Neves da Silva. *Trans/Versões Comparatistas*. Porto Alegre: Instituto de Letras, 2002.
- Bittencourt, Gilda Neves da Silva, Masina, Léa dos Santos e Schmidt, Rita Terezinha (Orgs.). *Geografias literárias e culturais: espaços/temporalidades*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- Bittencourt, Gilda Neves da Silva. *A escritura feminina no conto sul-rio-grandense*. In: *Organon*. Porto Alegre: Vol.18, no.37, 2004, p. 99-107.
- Bittencourt, Gilda Neves da Silva. *Construção de Identidades na literatura latino-americana*. In: Coutinho, Eduardo F. (Org.). *Beyond Binarisms. Identities in Process: Studies in Comparative Literature*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- Bittencourt, Gilda Neves da Silva. *Literatura Comparada Latino-Americana: um espaço transterritorial e plurilinguístico*. In: Rebello, Lúcia Sá e Schneider, Liane. (Orgs.). *Construções Literárias e Discursivas da Modernidade*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 09-14.
- Bittencourt, G. N. S. *La situation du conte brésilien contemporain*. In: Jacqueline Panjon. (Org.). *Trop c'est trop. Études sur l'excès en littérature*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2005, v. nº 12, p. 171-184.
- Bittencourt, G. N. S. *A questão do enredo no conto: o caso da literatura latino-americana*. In: BONIATTI, Ilva Maria Bertola. (Org.). *Literatura comparada: memória e região*. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul - EDUC, 2000, v., p. 109-120.
- Bittencourt, G. N. S. *Interfaces do discurso crítico sobre o conto*. In: Carvalhal, Tania Franco (Org.). *Culturas, contextos e discursos. Limiares críticos no Comparatismo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999, p. 84-90.
- Bittencourt, G. N. S. *O conto latino-americano: confronto de imaginários*. In: Bittencourt, Gilda Neves; Marques, Reinaldo. (Org.). *Limiares Críticos*. Belo Horizonte - MG: Autêntica, 1998, v. 1, p. 173-181.
- Bittencourt, G. N. S. *Carlos Carvalho: biobibliografia e análise do conto Cabra Cega*. In: Santos, Volnir; Santos, Walmor. (Orgs.). *Antologia crítica do conto gaúcho*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, WS Editor, 1998, p. 77-84.
- Garramuño, Florencia. *Frutos Estranhos: Sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- Moriconi, Ítalo. *Os cem melhores contos brasileiros do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- Oliveira, Nelson (Org.). *Geração 90: Manuscritos de computador*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.
- Povinelli, Elizabeth A. *Geontologias. Um réquiem para o liberalismo tardio*. Trad. Mariana Ruggieri. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- Povinelli, Elizabeth A. *Catástrofe ancestral. existências no liberalismo tardio*. Trad. Mariana Lima e Mariana Ruggieri. São Paulo: Ubu Editora, 2024.
- Vidal, Paloma. *Estar Entre. Ensaios de literaturas em trânsito*. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens, 2019.

Vídeo: Entrevista com a pesquisadora Gilda
Neves Bittencourt. Disponível em: [https://youtu.
be/CEGtZ5rMqL4?si=hVUIAdNDfhMuZtJh](https://youtu.be/CEGtZ5rMqL4?si=hVUIAdNDfhMuZtJh)

Submissão: agosto de 2026

Aceite: agosto de 2026